

Núcleo de combate à desinformação: em busca de caminhos para ampliar o alcance da cidadania digital¹

Iluska COUTINHO²;
Gustavo Teixeira de Faria PEREIRA³;
Kérley WINQUES⁴;
Raí de CASTRO⁵;
Ana Luiza TOSTES⁶;
Gabriel BHERING⁷;
Thuany MENEZES⁸;
Raphaella TOLEDO⁹;
Rafael MALAGOLI¹⁰;
Jean Paulo de ALMEIDA¹¹;
Arthur Aguiar RABELO¹²;
Robson RANGEL¹³;
Gabriel LANDIM¹⁴

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Laura Coutinho FELZ¹⁵
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Professora Titular da UFJF, coordenadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), desenvolve pesquisas com financiamento do CNPq e UFJF. iluska.coutinho@ufjf.br

³ Professor Substituto na Facom-UFJF, Doutor em Comunicação (PPGCom-UFJF), membro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA) e da Rede Telejor. gustavo.tfp7@gmail.com

⁴ Professora na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ker.winkes@gmail.com.

⁵ Bacharel em Jornalismo, mestrando em Comunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom-UFJF), membro do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). raidecastro9@gmail.com

⁶ Estudante do Curso de Jornalismo - Integral na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista PIBIC (CNPq) e integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. ana.tostes@estudante.ufjf.br

⁷ Mestrando em Comunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom - UFJF) e membro do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

⁸ Estudante do Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista PIBIC (CNPq), integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. thuany.menezes@estudante.ufjf.br

⁹ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. raphaellaborges.toledo@estudante.ufjf.br

¹⁰ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. rafaelmalagoli.badaro@estudante.ufjf.br

¹¹ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual.

almeidapaulo.jean@estudante.ufjf.br

¹² Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. aguiar.arthur@estudante.ufjf.br

¹³ Estudante do Curso de Jornalismo - Noturno na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. rangel.robson@estudante.ufjf.br

¹⁴ Doutorando em Comunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. gabriellandim@outlook.com

¹⁵ Estudante do curso de Direito da UFES e integrante do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), participa como voluntária do projeto de extensão Núcleo de Combate à Desinformação. lauracfelz@gmail.com

RESUMO

O projeto de extensão Núcleo de combate à desinformação, desenvolvido desde o segundo semestre de 2023 na Universidade Federal de Juiz de Fora, conta com a participação de estudantes de diferentes cursos de graduação, de jornalistas, pós-graduandos e professores. Realizado no âmbito do NJA - Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, o projeto busca contribuir com o exercício efetivo do direito à comunicação, ampliando de forma responsável a cidadania digital. O relato apresenta ações planejadas e em desenvolvimento, que incluem a celebração de convênio com o Supremo Tribunal Federal (STF).

PALAVRAS-CHAVE

Combate à desinformação; Extensão universitária; Jornalismo; Direito à Comunicação; Ecossistema digital.

INTRODUÇÃO

O termo *fake news*, apesar de ser contestado, refere-se a uma desinformação que circula on-line e na mídia. O conceito foi usado pela primeira vez para descrever sites que postam conteúdo partidário fictício como *clickbait* (Marwick; Lewis, 2017). Bucci (2018, p. 27, grifo do autor) observa que as *notícias fraudulentas* geram lucro. Em plataformas como Google e Facebook, o autor aponta que a fraude compensa. “Quanto maior o número de *clicks*, mais o autor fatura. E, como a mentira é fácil de produzir (é barata) e desperta o furor das audiências, um dos melhores negócios da atualidade é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de verdade”.

Gomes e Dourado (2019, p. 35), ao abordarem o termo, falam de histórias falsas, exageradas, distorcidas ou com supressões, e destacam duas dimensões: a linguística e a narrativa factual. Na primeira, trata-se de uma narrativa que pode ser coerente e consistente, ou o contrário. Quanto à segunda, refere-se a um relato que aborda essencialmente fatos e eventos da realidade.

Em termos empíricos, ao realizar uma consulta no buscador Google, atividade cada vez mais frequente na contemporaneidade, em 0,33 segundos temos 8 milhões de respostas ao termo desinformação. O resultado pode ser lido como uma evidência da centralidade da temática na contemporaneidade, assim como dos desafios que seu combate pode representar para a manutenção da credibilidade não apenas do Jornalismo, mas da própria concepção racional de ciência e de conhecimento, que tem na Universidade seu *locus* privilegiado de desenvolvimento.

É nesse cenário que foi constituído no segundo semestre de 2023 na UFJF o Núcleo de Combate à Desinformação, cuja proposta é realizar ações extensionistas de formação em literacia midiática e noticiosa; monitoramento da circulação de desinformação na região atingida (Juiz de Fora); produção de conteúdo de checagem em vídeo; propagação de material produzido para exercício do direito à comunicação e informação de qualidade. Em seu planejamento o projeto envolve ações como realização de oficinas de alfabetização midiática e noticiosa, organização de um sistema de monitoramento de circulação de desinformação sobre a Universidade e temas de interesse; montagem de perfil no Instagram para postagem de materiais em imagem/texto e especialmente vídeos com informações checadas de maneira a propagar o combate à desinformação; desenvolvimento de debates públicos sobre o tema da desinformação em parceria com diferentes grupos e instituições.

Para concretizar seu objetivo de desenvolver projetos, ações e conteúdos para difundir informações corretas, o Núcleo reúne estudantes de graduação, pós-graduação e professores(as). Os processos de escolha de um nome específico, para se comunicar com seus públicos e a sociedade como um todo, e de definição dos eixos iniciais de ação foram coletivos e resultados de debates que mobilizaram diferentes níveis de formação e campos de saber. Assim, em seu primeiro ano de atividade o Apurá - Núcleo de Combate à Desinformação, estabeleceu como foco de atuação a produção de conteúdo confiável e atraente relacionado aos seguintes eixos: gênero, saúde e segurança digital, sendo a questão dos Direitos Humanos um elo de ligação entre os três temas.

TECENDO MANHÃS SEM DESINFORMAÇÃO

A questão da circulação de dados e notícias falsas é um problema contemporâneo e de todos. Assim, como na poesia de João Cabral de Melo Neto, foi preciso “(...) de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo”, também para combater a desinformação. Foi a perspectiva de enfrentamento dos riscos da circulação de informações falsas, muitas vezes produzidas intencionalmente, que motivou a criação em 2021 do Programa de Combate à Desinformação¹⁶ do Supremo Tribunal Federal

¹⁶ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/desinformacao/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

(STF) para enfrentar os efeitos negativos provocados pela desinformação. Segundo a página do programa na internet, ele foi construído em sintonia com o texto constitucional de 1988 e com a Convenção Americana sobre Direitos Humanos que ressalvam “(...) a necessidade de coibir apologia ao ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitação à discriminação, à hostilidade, ao crime ou à violência”. Para concretização dos objetivos desse programa, o STF vem firmando parcerias com instituições públicas e privadas para a execução de ações de combate à desinformação, por meio de acordo de cooperação técnica. Desde janeiro de 2024, a Universidade Federal de Juiz de Fora passou a fazer parte do projeto a partir do Núcleo de Combate à Desinformação.

Essa parceria foi firmada, inclusive, antes das discussões para a definição do nome Apuraí como forma de comunicar a proposta e de estabelecer uma identidade para o Núcleo de Combate à Desinformação, também nas redes sociais digitais. O processo de escolha foi resultado de outra parceria, com projetos de pesquisa e de treinamento profissional desenvolvidos no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Para isso buscou-se debater aspectos diferenciais para conferir e certificar conteúdos em circulação, essencial no combate à desinformação. A ideia de apuração, forma de qualificação característica do Jornalismo, emergiu como conceito central. A ele foi associada a necessidade de amplificar esse tipo de cuidado para além dos espaços formais de veículos de mídia e dos muros da universidade; a ideia seria levar a apuração e os cuidados de checagem como rotina a ser compartilhada ao receber e colocar em circulação qualquer ruído, boato ou “notícia”. Ao estar em todos os lugares e ser procedimento que deveria envolver todo(a) cidadão(ã) a apuração estaria por aí, como ação a ser enfrentada, Apuraí.

O estabelecimento da identidade visual do Apuraí Núcleo de Combate à Desinformação envolveu etapas como definição da visão do perfil, público alvo, busca por distinção entre projetos de natureza semelhante (competição) e representação gráfica, incluindo logomarca, tipografia, cores e exemplos de aplicação. Todo o processo foi acompanhado por debates, também coletivos.

Em paralelo ao processo de construção do perfil para promoção do combate à desinformação, foi desenvolvido uma proposta de oficina tendo como público a ser alcançado uma parcela da população considerada bastante vulnerável aos conteúdos

falsos e enganosos, os idosos. A proposta deve ser viabilizada por meio de diálogo com outro projeto de extensão da UFJF, o Pólo do Envelhecimento, em parceria atualmente em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizada como questão global, em circulações que são potencializadas por corporações multinacionais, as chamadas BigTechs, a questão da desinformação envolve disputas de sentidos. O termo fake news, por exemplo, amplamente propagado inclusive de forma interessada por atores políticos avessos ao escrutínio público, carrega em si parte de estratégia de desqualificar o Jornalismo como sistema perito, abrindo espaço para outras circulações a disputar protagonismo na esfera digital.

Na tentativa de oferecer um mapeamento preciso sobre os impactos da desinformação no mundo, Pérez-Escobar et al. (2023) realizaram uma revisão sistemática dos termos entre 2014 e 2022, observando 756 publicações científicas (em inglês e em espanhol) que abordaram os termos “misinformation” e “desinformation”. Traduzidos para o português como desinformação, os resultados encontrados evidenciam que esse é reconhecido internacionalmente como um grave problema social, a mobilizar estudiosos em escala global na busca por conhecer e reconhecer causas e consequências da desinformação nas sociedades.

O enfrentamento da pandemia Covid-19, e as transformações da sociabilidade dele decorrentes, evidenciaram a centralidade das telas na contemporaneidade e os desafios potenciais da desinformação, sobretudo em localidades onde não há jornalismo profissional. Os chamados desertos de notícia são assim espaço potencial para a propagação de informações falsas e danosas à democracia. O crescimento exponencial de telas e redes de circulação de vídeos, de natureza e origem diversas pode multiplicar o risco da desinformação, mas também pode se constituir em um caminho para seu combate.

Grande parte do tráfego de dados em redes sociais digitais é acompanhado pela circulação e propagação de conteúdos audiovisuais; esses conteúdos em vídeo se propagam de forma viral. Assim, a proposta do projeto de extensão é de por meio de suas ações de produção de conteúdo e oferta de oficinas e mini-cursos beneficiar

cidadãs e cidadãos que tenham acesso às redes sociais digitais, e que consumam informação em vídeo.

Ainda que a circulação digital ocorra de forma global, a proposta do projeto é voltar-se de forma particular para Juiz de Fora e seu entorno, com especial atenção para os três eixos inicialmente definidos: violência e preconceito de gênero; saúde e segurança digital.

Diferentes grupos socioeconômicos, culturais e políticos podem ser beneficiários do projeto, considerando que a desinformação é hoje um problema que atinge diversas parcelas da sociedade. Considerando o caráter público da UFJF, e das ações nela empreendidas, instituições e escolas públicas são destinatárias naturais do projeto, ainda que em função da proposta de realização e circulação de materiais em vídeo seu alcance possa ser ampliado.

REFERÊNCIAS

- BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, n. 116, p. 19-30, 29, maio de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Ut8vWy>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 16, n. 2, julho/dezembro de 2019, p. 33-45. Disponível em: <https://bit.ly/3anPiMJ>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- PEREIRA, A; MELLO, E; ÉMERIM, C & COUTINHO, I (orgs). Contra a desinformação, telejornalismo! Estratégias de divulgação de notícias audiovisuais de qualidade. Florianópolis: Insular, 2022
- MARWICK, A.; LEWIS, R. **Media manipulation and disinformation on-line**. New York: Data & Society Institute, 2017.